

A VIDA: RESPOSTA AO CHAMAMENTO DE OUTRO
Apontamentos da Síntese de Davide Prospero
na Assembleia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação
La Thuile (AO), 30 de agosto de 2022

Chegámos ao fim do nosso percurso. Foram dias bastante intensos, intensos em palavras, em convívio, em partilha, em confronto sobre a nossa experiência, ou seja, sobre aquilo que a nossa vida tem para dizer a respeito das coisas que nos são propostas. Mais do que fazer um resumo daquilo que veio à baila, quero tirar algumas conclusões que sirvam para olharmos em frente, dando-nos conta de que – caminhando com o nosso passo – estamos num caminho seguro.

1. «Está cá o Mestre e chama-te»: assumir a responsabilidade do carisma

O Movimento está vivo – foi o que nos disse o padre Massimo no sábado de manhã –. No fim destes dias juntos, podemos sentir como verdadeiras, com evidência renovada, com o espanto grato que tantas vezes sentimos no fim dos nossos encontros, as palavras de Péguy: «Ele está aqui. / Está aqui como no primeiro dia. / Está aqui entre nós como no dia da sua morte. / Para sempre está aqui entre nós, exatamente como no primeiro dia. / Para sempre todos os dias. / Está aqui entre nós em todos os dias da sua eternidade».¹

Uma de vocês disse isto muito bem, citando as palavras, tão simples e profundas, daquele miúdo que não se queria ir embora no fim das férias da comunidade: «Eu aqui!» Também eu quero permanecer aqui, não me quero mais ir embora. Por quê? Várias pessoas o disseram, de diferentes maneiras: porque «está cá o Mestre».² Mas não só está aqui. Está aqui e chama-nos, está aqui e chama-me, está aqui e chama-te, chama cada um de nós. A que é que nos chama? Dissemo-lo e repetimo-lo nestes dias, reafirmou-o o Julián na sua mensagem, voltou a dizê-lo monsenhor Camisasca no início da sua intervenção, repetiu-o ontem monsenhor Giuseppe Baturi: o Senhor chama-nos a assumirmos a responsabilidade do carisma que nos prendeu, a assumi-la cada um de nós pessoalmente e ao mesmo tempo juntos, não sozinhos, mas em comunhão. Mas o que quer dizer sermos nós a assumir esta responsabilidade?

Ontem, monsenhor Baturi disse-nos, de forma clara e precisa, o que *não* quer dizer: não significa, em primeiro lugar, ter um papel ou exercer um poder, nem carregar às costas um fardo qualquer – como o fardo de Isildur, na saga de Tolkien –, ainda que, claro, assumir uma responsabilidade às vezes implique um esforço, implique a disponibilidade a uma dedicação que requer um esforço. O que quer então dizer, se não é isto?

A palavra «responsabilidade» deriva do latim *respondeo*: responsabilidade é quem vive a vida como resposta, como desejo de responder. Responder a quê, ou melhor, a Quem? A Outro que me chama, que arrisca em mim, na minha liberdade, que, misteriosamente, aposta em mim, confia em mim, estima-me, deposita a sua confiança em mim.

Assim sendo, parece-me que, para viver com entusiasmo e ímpeto esta responsabilidade, para a assumirmos conscientemente, é necessário, antes de mais, colocar no centro do nosso olhar não tanto “o que” temos de fazer, a lista das coisas para fazer – isto, como sabemos, depressa nos cansa e sufoca –, e sim o Rosto de quem nos chama, aquele Cristo que mendiga o meu e o teu coração, que tem sede da minha e da tua resposta, que se sinta sedento junto ao poço da tua liberdade e mendiga o teu coração, mendiga a resposta do teu coração, como Jesus, numa forma tão gritantemente poética, disse

¹ C. Péguy, “Il mistero della carità di Giovanna d’Arco”, in Idem, *I misteri*, Milão: Jaca Book, 1997, p. 56. Cf. também *Lui è qui. Pagine scelte*, Milão: Bur, 1997, p. 176.

² Jo 11,28; M.G. Lepori, *Cristo, vida da vida*, Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Lisboa 2022, p. 43.

à mulher samaritana na canção do nosso grande Anas, que acabámos de cantar juntos: «Se tu soubesses o quanto te esperei / O quanto pensei em ti, o quanto te amei / Se tu soubesses, neste deserto, / Quem é que veio ao teu encontro, quanta sede tenho em mim // [...] Vinhas a mim sem pensar, distraída na tua memória / Mas sou eu que te peço, te amo a ponto de pedir / Tenho sede, escuta a minha voz, sede de ti até a cruz».³

Só se nós nos apercebermos, neste chamamento à responsabilidade, da voz de Cristo que mendiga o nosso coração, que tem sede do nosso coração mesmo em cima da cruz, só aí é que podemos sentir este chamamento não como uma tarefa que nos esmaga, mas, pelo contrário, como um dom, como uma coisa que nos inflama e nos entusiasma. Por isso estamos gratos por estes dias, que foram acima de tudo isto: o tornar-se novamente evidente, através do rosto e da voz de tantas testemunhas, a presença entre nós deste Tu sedento da nossa resposta, do nosso «sim, estou aqui». É daqui, apenas daqui, que nasce e renasce sempre aquilo que ontem à noite um de vocês chamava de «o anseio por Cristo», o mesmo de que fala São Paulo: «O amor de Cristo nos impele, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram. Cristo morreu por todos, para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles».⁴

2. Do espanto pelo chamamento, o anseio pela missão

Qual é o conteúdo deste anseio? Disse-o bem, mais uma vez, monsenhor Baturi: «*Don* Giussani observava que os movimentos “nasceram para a missão da Igreja. Com efeito, surgiram, ainda por cima, em conexão com o Concílio Vaticano II, que repropôs com energia a natureza missionária da Igreja, convidando os cristãos a ‘derrubar as muralhas’”.⁵ [...] Não é por acaso que, de entre as palavras mais significativas dirigidas ao Movimento pelos Papas, estão as que apontam nessa direção. João Paulo II disse, no dia 29 de setembro de 1984: “‘Ide, ensinais todas as nações’ (Mt 28, 19), é o que disse Cristo aos seus discípulos. E eu repito-vos: ‘Ide por todo o mundo para levar a verdade, a beleza e a paz, que se encontram em Cristo Redentor’. Este convite feito por Cristo a todos os seus e que Pedro tem o dever de renovar sem trégua, já entremeou a vossa história. [...] Tomai o encargo dessa necessidade eclesial: essa é a incumbência que hoje vos deixo”.⁶ E o Papa Francisco, no encontro de 7 de março de 2015: “Assim, centrados em Cristo e no Evangelho, vós podeis ser braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’”.⁷ [...] Num lindíssimo texto seu, *don* Giussani diz: “A missão, a presença no ímpeto missionário, é o indício de uma presença amorosa”⁸».

Sobre isto, limito-me a fazer um breve comentário. Como testemunhou ontem – na minha opinião, de modo límpido e até desarmante – o nosso amigo de Caracas (que bem se pode dizer que não tem exercido o seu ministério em condições propriamente fáceis), não só o ímpeto missionário é o indício da vitalidade do carisma em nós como, em certo sentido, é o que o conserva vivo em nós e faz com que o aprofundemos, conheçamos, apreciemos e amemos cada vez mais. Por isso estamos gratos aos muitos entre nós que, com o seu testemunho, nos mostraram precisamente isto em ação, suscitando – espero eu – em todos nós uma “inveja saudável” daquilo que lhes é dado viver. Pensemos no que nos contou, ontem à noite, a nossa amiga que está sozinha na Turquia: «Não só eu nunca me senti sozinha, como também cresceu em mim a afeição ao carisma e, no fundo, a fé. Agora estou a pensar ficar, apesar das dificuldades: sou chamada aqui, não é a mesma coisa eu estar ou não estar». É difícil pensar num exemplo mais nítido do que significa *assumir a responsabilidade do carisma*: «Eu sou chamada a estar aqui. O Senhor está aqui e chama-me».

³ “Se tu sapessi”, letra e música de Antonio Anastasio.

⁴ Cf. 2Cor 5,14-15.

⁵ L. Giussani, “Introdução” a “Os movimentos na missão da Igreja”, 1985, *clonline.org*.

⁶ João Paulo II, *Discurso ao movimento Comunhão e Libertação no XX aniversário de fundação*, 29 de setembro de 1984, 4.

⁷ Francisco, *Discurso ao movimento Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁸ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Milão: Bur, 2010, p. 316.

3. O coração do homem mendicante de Cristo

Qual é, então, a nossa tarefa? Muitos de vocês já deram a resposta; houve uma expressão, talvez a mais sintética, que apareceu durante a assembleia: «Acima de tudo, somos chamados a mendigar, a mendigar que seja o próprio Espírito a cumprir em nós a Sua obra, ou seja, a tornar-nos capazes de responder ao chamamento».

Gostaria de detalhar três aspetos deste mendigar, três traduções existenciais, diria eu, que sinto que são especialmente importantes para nós neste momento que estamos a viver.

a) *Um desejo inesgotável de aprender*

Uma realidade viva está desejosa de crescer, de amadurecer, e por isso tende a corrigir-se e a deixar-se corrigir. Uma pessoa deixa-se corrigir na medida em que tem afeição por si mesma como destino, pela possibilidade de crescer, de tornar-se grande, de tornar-se aquilo para o que foi feita. Escrevia Pier Paolo Pasolini n' *O pranto da escavadora* (uma citação muito bonita, que agradeço a quem me sugeriu): «Só o amar conta, só o conhecer / é que conta; não o ter amado / não o ter conhecido. Dá angústia / viver de um consumado / amor. A alma não cresce mais».⁹ A primeira mendicância de Cristo é o pedido para perceber cada vez mais, o que pressupõe, como ouvimos ontem, uma condição fundamental: a consciência humilde de ainda ter de aprender, de não saber tudo, de ainda estar em caminho: «*Si enim comprehendis, non est Deus*»,¹⁰ disse Santo Agostinho. Se o percebeste inteiramente, não é Deus. Nós não possuímos Cristo, assim como não possuímos o carisma: antes, somos possuídos por ele. Por isso desejamos continuar a aprender, deixando-nos até pôr em xeque, se necessário. Sobre isto, desejo para mim e para vocês que guardem no coração, ao longo de todo o ano que vem pela frente, aquilo que São Paulo diz: «Não que eu tenha já chegado à meta, ou já tenha atingido a perfeição. Mas continuo a correr, para ver se a alcanço, uma vez que também fui alcançado por Cristo Jesus. Não penso, irmãos, que já o tenha conseguido. Só penso numa coisa: esquecendo o que fica para trás, lançar-me para a frente, continuar a correr para a meta, em vista do prémio a que Deus, lá do alto, me chama em Cristo Jesus».¹¹

b) *Seguir para perceber*

Um dos vértices do mendigar, isto é, da pobreza de espírito que é a virtude do mendicante, é o seguir; quantas vezes nos foi dito, quantas vezes *don* Giussani voltou a este ponto, mas o tema também ecoou diversas vezes nestes dias entre nós. Mas, sobre este ponto, faço questão de dizer uma última e sintética palavra, que é esta: seguir a autoridade, como aprendemos, não é um caminho alternativo nem está em oposição ao uso do coração como critério. Pelo contrário, seguir é o que permite ao coração dilatar-se, à razão dilatar-se, se e na medida em que uma pessoa for séria ao verificar a proposta da autoridade. Se uma pessoa seguisse apenas quando “sente” que o que lhe é pedido está certo ou é “correspondente”, nunca seguiria verdadeiramente, ou seja, nunca obedeceria verdadeiramente, pois na realidade estaria a seguir-se apenas a si mesma, não a outro. Mas, e então? Então, a fé não serviria de nada, pois a fé já não seria fé, já não precisaria da testemunha e Cristo ficaria reduzido à nossa medida. Pelo contrário – aqui é precioso reler (e convido-vos a fazê-lo) os capítulos sobre a obediência de *É possível viver assim?* e de *Si può (veramente?!) vivere così?*,¹² onde tudo está muito bem explicado, obviamente não vou citar, para ser breve – é precisamente através da obediência, uma obediência que às vezes implica desfazer a nossa medida, que entramos na

⁹ P.P. Pasolini, “O pranto da escavadora”, 1956, tradução de João Coles. Cf. Idem, *Poemas*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

¹⁰ “Se o compreendes, então já não é Deus” (Santo Agostinho, *Sermão* 117,5).

¹¹ Fl 3,12-14.

¹² L. Giussani, “A obediência”, *É possível viver assim?*, Tenacitas, Coimbra 2007, pp. 113ss; L. Giussani, “L’obbedienza”, in *Si può (veramente?!) vivere così?*, Milão: Bur, pp. 212ss.

mentalidade nova que nasce da pertença a Cristo. Estou a falar dum desfazer que não é – atenção – renúncia à razão (nós seguimos *don* Giussani, o arauto da razão!), mas prontidão a deixar que Outro a amplie, a dilate, para nos levar até um ponto de vista novo, mais verdadeiro, mais profundo, um ponto de vista que é o Seu. Como aprendemos, a fé cumpre a razão: *don* Giussani dizia que «a fé é racional, na medida em que floresce no extremo limite da dinâmica racional como uma flor de graça, a que o homem adere com a sua liberdade».¹³ E, de facto, realiza-a superando-a, levando-a além das suas capacidades. Pensemos na reação de Pedro quando Jesus disse aos discípulos: «Não separe o homem o que Deus uniu». Pedro reage de rompante, e talvez nós com ele: «Se é esta a situação do homem em relação à mulher, não é conveniente casar-se».¹⁴ Corresponde ou não ao coração, às exigências e evidências profundas do coração, a posição de Jesus? Sim, corresponde. No entanto, naquele momento, não era fácil para Pedro percebê-lo imediatamente e por isso aceitá-lo, muito pelo contrário! Claro, a razoabilidade do seguir é dada pelo fascínio de uma presença: outro episódio do Evangelho (o Evangelho está repleto deles) é o do lava-pés: «Tu nunca me hás-de lavar os pés!», exclamou Pedro; e Jesus: «Se não tos lavar, não terás parte comigo»;¹⁵ então Pedro deixa que os lave em virtude daquela afeição; não percebe, parece-lhe desproporcional! Mas o contrário também é verdade. O seguir, o obedecer não é só o fruto do compreender, pois às vezes, sem percebermos tudo, seguir leva-nos a perceber, a tornar mais clara e rica a consciência daquilo que verdadeiramente corresponde. O que conta é que o seguir não seja cego, não seja um seguir de coração apagado. Como aprendemos, o coração é o critério com que devemos comparar tudo. Mas, precisamente, para comparar, tens de primeiro depositar confiança numa proposta, tens de confiar, tens de lhe dar crédito. Só assim podes realmente verificar se a proposta corresponde, ou seja, se te faz crescer ou não. Monsenhor Santoro falava de tradição, isto é, de um conteúdo de proposta que não te aquece necessariamente o *coração* às primeiras.

c) *A unidade é milagre, mas é preciso pedi-la*

Quero concluir convidando-vos a todos para rezarem constantemente pelo milagre da unidade da nossa companhia. Compreendemos bem que a unidade verdadeira é aquela que – como dizíamos ontem – não anula as diferenças, mas as compõe em harmonia concorde. Não somos nós que fazemos a unidade; aliás, no limite, nós apenas podemos tentar destruí-la, e ainda assim não somos nós que a fazemos. Dizemos também que para nós é impossível realizá-la – é uma experiência que todos nós fazemos, em todos os níveis –. Por isso eu usei a palavra «milagre». Contudo, trata-se de um milagre que não podemos deixar de desejar, se for verdade que é mesmo dele que Jesus faz depender o esplendor da Sua glória no mundo: «Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Por isto [nisto!] é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros».¹⁶

Nós damo-nos conta – se formos sinceros – que não sabemos obedecer com as nossas forças a este mandamento de Jesus, tão elevado e comovente. Mas podemos – aliás, devemos – pedi-lo, mendigá-lo. Alguém se antecipou a nós, mendigando por nós essa unidade que, em determinados momentos, podemos até achar difícil pedir: «Não peço somente por eles, mas também por aqueles que vão acreditar em Mim, por meio da sua palavra, para que eles sejam todos um, como Tu, ó Pai, o és em Mim e Eu em ti, para que também eles sejam um em Nós [uma só coisa] e o mundo acredite que Tu Me enviaste. Eu dei-lhes a glória que Tu Me deste, para que sejam um, como Nós somos Um: Eu neles e Tu em Mim, para que sejam consumados na unidade e o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste como a Mim».¹⁷

Deixem-me acrescentar uma ideia final. Neste momento, devem estar à espera – ou alguém estará à espera – da resposta ao “quiz” final da primeira noite. Dando por esclarecido que a função de Pedro

¹³ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, p. 123.

¹⁴ Mt 19,10.

¹⁵ Jo 13,8.

¹⁶ Jo 13,34-35.

¹⁷ Jo 17,20-23.

não é a mesma de João (acho que aqui todos estamos de acordo) e que, aliás, ambas são necessárias e estão indissociavelmente ligadas entre si para dar corpo à Igreja, qual é então a função de Pedro, e, portanto, a do responsável, no sentido institucional do termo, no seio da nossa companhia? Muitos me perguntaram isto. Quais são os critérios para reconhecê-lo e elegê-lo? São perguntas importantes, a meu ver. Nestes dias foram apontados alguns critérios, algumas características que nos ajudam nesse sentido: seguramente, a afeição e a dedicação ao Movimento, o equilíbrio, a prudência no discernimento perante as decisões, a maturidade afetiva, a caridade e a capacidade de atenção e de escuta, a capacidade de valorizar os outros, a capacidade de relações, etc. Isto significa que não devemos limitar-nos (já o dissemos muitas vezes) a identificar qual é a personalidade mais carismática entre nós, tendo este como o único critério para reconhecer e escolher o responsável. Aqui abre-se toda uma nova ordem de reflexões, que temos de iniciar para podermos atingir a consciência necessária para fazermos eleições livres e responsáveis, como tantas vezes o Cardeal Farrell desejou nas suas cartas. Mas não precisamos de ter pressa, pois vamos voltar a falar disto.